

## A DISSIMULAÇÃO MACHADIANA EM *HELENA*

Jônatas GONÇALVES RÊGO<sup>1</sup> (UNIMONTES – CAPES)  
Orientador: Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo

**RESUMO:** O romance *Helena* (1876), pertencente à chamada fase romântica machadiana, tem sido alvo de estudos críticos voltados para o paternalismo. Para o crítico Roberto Schwarz, *Helena* deve ser entendido como moralista, voltado para a vigilância do preceito cristão e a defesa da família. Na sua visão, Machado contribuiu para o “aperfeiçoamento” do paternalismo. Reconhecendo infinitas outras possibilidades para a discussão proposta nesse estudo, concentramos em apresentar neste artigo outra hipótese para a leitura crítica de *Helena*, levando em consideração o “desmascaramento” do paternalismo. Para isso, tomaremos como parâmetro as atitudes de alguns personagens do romance para confirmar nossas impressões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis, *Helena*, paternalismo, crítica, desmascaramento.

**ABSTRACT:** The novel *Helena* (1876), that belongs to the called romantic phase of the machadiana book, it has been aim to studies connected to the paternalism. To the critic, Roberto Schwarz, *Helena* must be understood as moralistic connected to the vigilance of the Christian precept and the defence of the family. Who defends that in this book, Machado de Assis contributed to the improvement of the paternalism. Recognizing infinites possibilities to the discussion purposed in this study, we concentrate in to produce in this study another hypothesis to the critique reading of *Helena*, being considerate the unmaskment of the paternalism. So I will have as a parameter the attitudes of the some characters of the novel to confirm my impressions.

**KEY WORDS:** Machado de Assis, *Helena*, paternalism, critic, unmaskment.

No século XIX, as políticas de dominação vigentes na sociedade brasileira poderiam ser apropriadamente descritas como paternalistas. Tal lógica de domínio estava presente tanto nas estratégias de subordinação de escravos quanto de pessoas livres dependentes, e sua característica principal era a imagem da inviolabilidade da vontade senhorial. O paternalismo, como qualquer outra política de domínio, possuía uma dinâmica própria, pertinente ao poder exercido em seu nome: rituais de afirmação, práticas de dissimulação,

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras português pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e mestrando em Letras Estudos literários pela Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES e Bolsista da CAPES. Email: jonatasrego@yahoo.com.br

estratégias para estigmatizar adversários sociais e políticos, eufemismos, entre outros, sustentaram um vocabulário sofisticado a fim de expressar todas essas atividades.

Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas* (2000), no primeiro capítulo intitulado *As idéias fora do lugar*, procura apresentar “as disparidades entre a sociedade brasileira, escravista, e as ideias do liberalismo europeu” (SCHWARZ, 2000). Para o crítico, o processo produtivo, assim como sua modernização continuada, com todo o seu prestígio que lhes adivinha da revolução que ocasionava na Europa, era sem propósito no Brasil, visto que, por sua mera presença, a escravidão indicava a impropriedade das ideias liberais.

Na visão de Schwarz, a colonização produziu com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. É a terceira classe - o “homem livre”, que o crítico utiliza para argumentar sobre a política do *favor*, voltada para o agregado. “Nem proprietários, nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande” (SCHWARZ, 2000, p.16).

Neste sentido, o *favor* foi um dos meios utilizados pela elite para a continuidade da dependência dos menos favorecidos aos seus domínios. Esta reprodução de troca de favores sustenta-se como uma experiência longa de acentuada desigualdade social e exclusão política das classes populares, que foi capaz de engendrar na organização política brasileira. Na atualidade, a presença freqüente e historicamente consolidada destes “mecanismos” de relações sociais, facilita e estimula a adoção do *favor* como prática política, dentro dos diversos setores de nossa sociedade.

Baseado nesse discurso, Schwarz faz um estudo dos primeiros romances de Machado de Assis. No início do livro, o crítico propõe uma análise do processo social do romance brasileiro. Ao falar, mais detidamente, dos romances *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), Schwarz afirma que “são livros deliberada e desagradavelmente conformistas” (SCHWARZ, 2000, p.83).

Segundo o crítico, *Helena* deve ser entendido como moralista voltado para a vigilância do preceito cristão e a defesa da família. “Machado se filiava à estreiteza apologética da Reação européia de fundo católico, e insistia na *santidade das famílias na dignidade da pessoa (...)*” (SCHWARZ, 2000, p.83). Segundo o crítico, a vida familiar era

a esfera reparadora em que as disparidades sociais e naturais deviam achar consolo e sublimação. Ressalta ainda, que a ideologia do livro em sua insipidez não é artificiosa, pois prolonga o catolicismo que de fato está infuso nas relações paternalistas, as quais sem ele não se entendem.

Nessa ótica, Roberto Schwarz afirma que o texto machadiano é interpretado como um comentário “estrutural”, por assim dizer, sobre a sociedade brasileira do séc. XIX. O texto expressa e analisa aspectos essenciais ao funcionamento e reprodução das estruturas de autoridade e exploração vigente no período. Schwarz chega a dizer que o objetivo de Machado, no caso do romance *Helena*, era contribuir para o “aperfeiçoamento do paternalismo” (SCHWARZ, 2000, p.117). Segundo o crítico, a ideologia seria a de que cabe à severidade de amor familiar e ao sentimento cristão a moralização das diferenças sociais, para que estas se tornem livres das baixezas e das humilhações que possam eventualmente inspirar.

Para o Schwarz, a personagem Helena é considerada “vítima” da sujeição pessoal, da baixa do motivo econômico sem nenhuma pretensão de ascensão social, apenas cumpria o seu destino determinado no testamento deixado pelo conselheiro Vale. “Basta saber que Helena não tinha culpa no quiproquó, e que foi tudo uma *fatalidade do destino* (SCHWARZ, 2000, p.123). Segundo essa ideologia, Helena vem para sua nova casa e procura se fazer aceita, passando então a lutar para agradar e dar provas de seu mérito, até que os outros a reconheçam, “luta a que ela se submete de bom grado e cristamente” (SCHWARZ, 2000, p.124). O crítico baseia esta afirmação no trecho em que Helena “Mediante os seus recursos e muita paciência, arte e resignação – não humilde, mas digna – conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis” (ASSIS, 2004, p.25). Pelo que propõe Schwarz, Helena não queria favor ao ser aceita como membro da família, e sim enfrentar a reserva geral, e em seguida ganhar os corações em busca de reconhecimento, sem abdicar de sua dignidade nem queixar-se de injustiça.

A leitura que propõe Schwarz sobre *Helena* é que o “sentimento cristão” é quem dita às regras. Nesse sentido, a heroína é a “personagem exemplar e desinteressante do livro” (SCHWARZ, 2000, p.138) Para o crítico, Helena sabia que Estácio não era seu irmão; que inconscientemente ele a amava; e que ela, por sua vez, o amava. Entretanto, o sentimento cristão lhe ensinou que mais vale o sacrifício que o escândalo de mais uma

revelação de paternidade. Assim a bem do decoro, Helena insistia no casamento de Estácio com Eugênia, e tratava-se de casar-se ela própria com Mendonça. Assumindo assim, o seu verdadeiro lugar numa sociedade paternalista. Neste caso, o texto machadiano seria uma apologia do paternalismo como quer Schwarz em seu texto. A morte de Helena na sua visão seria o sinal de moralismo cristão por parte de Machado, como punição por seu desejo de ascensão social.

Diferentemente dessa visão, o escritor Fábio Figueiredo Camargo, em seu estudo sobre a escrita dissimulada de Machado de Assis, afirma que o autor carioca estaria mais interessado em desmascarar paternalismo reinante na sociedade brasileira do que contribuir para o aperfeiçoamento dele, como quer Schwarz. A argumentação de Camargo se baseia no fato de que “nem tudo em Machado exaltava as ideias católicas; ao contrário Helena sofrerá justamente por decorrência de uma rigorosa educação religiosa” (CAMARGO, 2005, p.55). A própria classe senhorial e a igreja sempre andaram de mãos dadas, com o objetivo de sempre manter a ordem do sistema. Além disso, os próprios padres machadianos quase todos “agregados da fazenda”, e sendo os principais divulgados da fé cristã, não apresentavam um perfil de retidão e imparcialidade concernente às questões sociais e morais, pelo contrário, muitos se revelavam como padres glutão, irado, preguiçoso, coniventes e filho da luxúria. Raymundo Faoro afirma que mesmo o padre Melchior como: “(...) verdadeiro varão apostólico, homem de sua igreja e de seu Deus, íntegro na fé, constante na esperança, ardente na caridade” (ASSIS, 2004, p.25-26), já se denunciava o sacerdote incompatível com a missão sacerdotal. “Ele é perfeito nos seus caminhos, mas seus caminhos são os da terra, mais de moralista do que de intermediário com a divindade e do sacrifício” (FAORO, 1974). Caberia então, Helena cumprir essa missão?

Se levarmos em consideração as estratégias que o narrador utiliza para contar a história de Helena, perceberemos que ela não era tão ingênua assim, a ponto de servir como argumento para Schwarz dizer que Machado queria *aperfeiçoar o paternalismo*, calcado nas idéias cristãs. Pelo contrário, ao aprofundarmos mais detidamente na narrativa iremos perceber que atitudes dessa personagem pelo qual apresenta o narrador, são de segundas intenções, dissimulada e trapaceira. Capitu de *Dom Casmurro*, Lalau de *Casa Velha*, seria, então, uma reduplicação de Helena, agora já em um texto mais maduro. Assim, ao contrário

do que pensa Schwarz, Machado de Assis cria em *Helena*, uma personagem que demonstra interesse em subir na vida. Sua morte, antes de ser um sinal de moralismo por parte do autor, marcaria a aniquilação do desejo de ascender socialmente à esfera dos ricos. De certa forma, “o que restaria a esses pobres, em seus caminhos para ascensão social, seria a dissimulação, a trapaça, o engano, o embuste. No caso de Helena, restava-lhe apenas isso” (CAMARGO, 2005, p.66).

Reconhecendo infinitas outras possibilidades para a discussão proposta nesse estudo, concentramos em apresentar uma vertente mais aprofundada para a leitura crítica de *Helena*, levando em consideração o “desmascaramento do paternalismo”, já discutido a princípio por Fábio Figueiredo Camargo na análise da personagem Helena. Para isso, tomamos como parâmetro as atitudes dos personagens do romance para confirmar estas impressões como a própria “órfã” Helena, Dona Úrsula, o padre Melchior, Estácio, entre outros.

A começar pela protagonista principal, Helena, que entra na narrativa através do testamento de seu “pai”. No primeiro capítulo, o leitor depara-se com a morte do conselheiro Vale que lega a seus herdeiros a moça Helena, então revelada à família como filha natural do morto. “Era declarada herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens, e devia ir viver com a família a quem o conselheiro instantemente pedia que tratasse com desvelo e carinho, como se de seu matrimônio fosse” (ASSIS, 2004, p.15). A filha órfã ver-se-à na obrigação de cumprir à risca um papel já demarcado e definido para ela por aquele que lhe traçou o seu destino. Helena beneficia desse jogo, e isso é o que veremos no desenrolar da narrativa.

Numa sociedade cujos valores eram moldados dentro dos parâmetros patriarcais, a personagem Helena de início corresponde a todos os atributos de mulher com perfil tradicional da sociedade da época. Ela se mostra bondosa, cheia de virtudes, como espelho da boa moça e boa filha, de acordo com os padrões morais e românticos, como muitos críticos a vêem.

Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada e sem magreza, estatura um pouco acima da mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno- pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas de rosto parecia que traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu,

disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel a mensagem do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só cousa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno. (ASSIS, 2004, p.21)

Pelo perfil de Helena demonstrado acima, podemos notar que ela representa o projeto de uma mulher idealizada. No entanto, por detrás desse “anjo” de personagem, corroborando com a visão de Camargo, podemos afirmar que não passa de “uma máscara, que vai contrapor à sua maldade dissimulada e fraudulenta” (CAMARGO, 2005, p.49). A irmã, intrusa que chega e modifica a vida da casa, não era irmã, na verdade. Helena vai se mostrar cada vez menos esta mulher romântica e ao final da narrativa os leitores deparar-se-ão com sua falsidade moral. Afinal, ela sabia de tudo o que se passava que só será revelado no final da narrativa quando a máscara cai – Ela não era filha do conselheiro Vale e ainda trazia junto de si o pai verdadeiro.

As heroínas machadianas, segundo Therezinha Mucci Xavier,

(...) não são mulheres oprimidas, castradas, cabisbaixas, sem o poder de emitir suas opiniões, deixando que pertença ao marido a palavra final. Pelo contrário, muitas vezes as personagens femininas são apresentadas com características mais marcantes que as masculinas, sendo mais seguras de si, dotadas de maior força moral. (XAVIER, 1986, p.33)

Este é o caso de Helena, mulher que transgride a lei paterna ao não aceitar o que lhe foi destinado pela sociedade. Helena tem muitas diferenças com relação à mãe de Estácio. “Conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis”. (ASSIS, 2004, p.25) Criatura ciosa de si mesma, inteligente, dotada de razão clara e forte, apesar de dócil e afável.

Incorporando o egoísmo às ações das personagens machadianas, Xavier cita Lúcia Miguel Pereira:

O universo de Machado de Assis é, em grande parte, uma expressão do egoísmo. Egoísmo da natureza, que sacrifica o indivíduo à espécie; egoísmo da sociedade, que, para manter seus estatutos, não hesita em acorrentar as criaturas desgraçadas; egoísmo da família, tudo subordinando às suas convenções; o egoísmo de cada ser, exigindo sempre dos outros muito mais do que lhes dá. (PEREIRA *apud* XAVIER, 1986, p.50)

O egoísmo das figuras femininas machadianas está intrinsecamente ligado à luta de querer elevar-se, à ambição da mulher, muitas vezes vinda do meio humilde, de fixar-se na burguesia. Este não é o caso de Helena? Não havia uma intencionalidade consciente por

detrás desse suposto “sentimento cristão”? Vejamos a sua atitude, logo após a não aceitação de D. Úrsula em apresentar mais detidamente a fazenda a ela, justificando-se que tinha por hábito descansar e ler após a refeição. A moça nos surpreende com sua reação: “\_\_ Pois eu lerei para a senhora ouvir, replicou a moça com graça; não é bom cansar os seus olhos; e, além disso, *é justo que me acostume a servi-la*. Não acha? (...)” (ASSIS, 2004, p.22) [Grifo nosso].

Notemos que em todo o tempo, Helena procura fazer de tudo para agradar “seus familiares”, demonstrando uma “graciosa submissão”. Essa atitude aos olhos de Schwarz é recebida como um “prolongamento do catolicismo” por parte de Machado e ao mesmo e ao tempo um esforço da protagonista, para fazer-se aceita numa realidade diferentemente da sua. No entanto, com o passar da narrativa, o leitor irá descobrir uma Helena, com atitudes nada convencionais para uma personagem feminina romântica. Comparada a Eugênia, Helena “pensa demais” para a época, já que Eugênia é fútil e só deseja se casar. Helena, ao contrário, não pensa em casamento. Suas atitudes não condizem com o contexto histórico e cultural em que passa a narrativa. Vejamos, por exemplo, Helena lê *Manon Lescaut* ao invés de ler *Saint-Clair das Ilhas*. O primeiro não é considerado romance para moças, enquanto o segundo é lido e relido por D. Úrsula. Helena irá montar a cavalo, como uma perfeita amazona, logo após pedir a seu irmão Estácio que a ensinasse a cavalgar.

Helena tinha um pé sobre o tamborete; repetiu ainda o nome da égua, com quem refletia sobre ele, sem que o irmão percebesse não era aquilo mais do que um disfarce. De repente, quando ele menos esperava, Helena deu um salto, e sentou-se no selim. A égua alteou o colo, como vaidosa do peso. Estácio olhou para a irmã, admirado da agilidade e correção do movimento, e sem saber ainda o que pensasse daquilo. Helena olhou para ele.

\_\_ Fui bem? Perguntou sorrindo

\_\_ Não podias ir melhor; mas o que me admira... (ASSIS, 2004, p.35)

Se imaginarmos que ela acabara de sair de um convento, é um pouco estranho ela saber cavalgar com tanta maestria, o que é perfeitamente possível com as narrativas romanescas. Ao acompanhar os movimentos de Helena, percebemos que há sempre uma possibilidade dela estar mentindo, ou de estar omitindo coisas. Vemos que Helena é capaz de fazer dissimulações para conseguir o que deseja, com todo o seu senso crítico e astúcia. Nota-se que Helena mascara quem realmente ela é, e utiliza desse artifício para conseguir realizar seus planos e enfrentar os ataques de uma sociedade que buscava a preservação da ordem e da honra da família patriarcal. Assim, Helena entra em uma família que não é a sua

e, uma vez instalada, faz de tudo para tornar-se membro dessa família, mimetizando os gostos e caprichos de cada um dos outros membros, agradando a todos. Para Camargo, Helena disfarça-se em algo que não é senão a fabricação de um outro eu. (CAMARGO, 2005).

No segundo capítulo do romance são lidas as disposições testamentárias que irão conduzir toda a trama do romance. Essas disposições foram utilizadas segundo Xavier, como uma forma bastante expressiva de caracterizar a prestação de favores, que constituem, com as heranças, meios de preservação de status de que se serviu Machado de Assis em seus contos e romances. (XAVIER, 1994). No caso de *Helena*, estas disposições representam bem o desejo do chefe de família, que mesmo depois de morto continuou exercendo seu papel de dominação sobre os vivos demonstrando a continuidade do sistema organizado do patriarcalismo. Assim, torna-se inviolável, sendo essa vontade que organiza e dá sentido às relações sociais que a circundam. Contudo, essa situação testamentária, apresenta sempre um potencial de tensão e conflito, visto que os herdeiros defendem seus interesses, e frequentemente se desentendem, no processo de partilha dos bens.

Uma dessas reações quando á decisão do Conselheiro Vale, foi a de D. Úrsula, Irmã do defunto, que o narrador como “eminente severa a respeito de costumes” (ASSIS, 2004, p.16). Ao tomar conhecimento do ato do irmão, reprova a atitude que “lhe parece uma usurpação e um péssimo exemplo”. (ASSIS, 2005, p.15). É perceptível sua preocupação quanto ao que poderia acontecer com o futuro da família Vale com a chegada de mais uma nova integrante à família, fruto de um amor extraconjugal do morto. No entanto, com o decorrer da narrativa, essas reservas quanto à intrusa Helena, vão se desfazendo: “Dona Úrsula sorriu um sorriso amarelo e acanhado, que apagou nos olhos da moça a alegria que os tornava mais lindos (...)” (ASSIS, 2004, p.19). Para alguns críticos, essa sensibilidade de coração em relação à Helena, por parte da viúva, se deveu às atitudes da moça, que acabaram conquistando-lhe o coração. Por exemplo, Helena cuidou de Dona Úrsula quando ela estava doente, como uma mãe cuida de seu filho (ASSIS, 2004, p.51). Com a recuperação de sua saúde, percebe-se uma mudança de atitude de Dona Úrsula em relação à Helena. A leitura que fazemos é que essa mudança de postura da tia, não foi simplesmente motivada pelas ações “boas” da moça em relação a ela. Mas sim, pelo fato de aceitar que a intrusa poderia lhe ser útil, ou seja, serviria para realizar alguma coisa no seio



da família, e dela poderia tirar alguma vantagem. Isso, partindo da idéia de que na ideologia do paternalismo, tomada em seus próprios termos, de modo transparente, é central o sentido de encobrimento de interesses e solidariedades horizontais entre o proprietário e seus dependentes. Nesse caso, o sentimento de cordialidade demonstrado por Dona Úrsula, não chega a nivelar as relações. Até porque, não existe lugar social fora das formas instituídas pelo patriarcado. Pode-se destacar também que as personagens machadianas são marcadas por impulsos contraditórios e, por isso, não podem ser classificadas em “boas” ou “más”, porque no mundo machadiano tudo passa a ser relativo, com o ponto de vista que se assume diante das coisas.

Estácio, filho do conselheiro Vale e herdeiro de seus bens, é outro personagem que representa bem as relações do sistema patriarcal em *Helena*. Diferentemente de sua tia, D. Úrsula, aceita, sem nenhuma reserva a entrada de Helena na família. “Uma vez que seu pai assim o ordenava (...) ele a aceitava tal qual, sem pesar nem reserva” (ASSIS, 2004, p.16). A atitude de Estácio em aceitar Helena como herdeira, pode, aparentemente, ser vista como uma ação de um jovem que possui caráter, dignidade, um bom coração e um sentimento cristão. Ora, não é qualquer herdeiro que aceita, assim, tão facilmente que seus bens sejam divididos com outra pessoa que até então não era da família. No entanto, se atentarmos bem para as verdadeiras intenções do jovem, pode-se concluir que ele era o principal interessado em que as últimas vontades do pai fossem cumpridas; com efeito, o ritual de submissão às determinações finais do finado significava solidificar a própria condição de Estácio como detentor, daí em diante, do poder de exercício da vontade patriarcal. Machado faz com que o jovem encare essa nova etapa de sua vida, como uma espécie de destino de classe: [...] “é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe em que nascera” (ASSIS, 2004, p.23). Estácio é efetivamente apresentado pelo narrador como fiel e depositário de uma tradição, garantidor e continuador de toda uma hegemonia política e cultural, que mais uma vez procura, através do jogo de interesses, nesse caso econômico e privado, defender a sua classe. Conforme Sidney Chalhoub, Estácio apenas defendeu um prejuízo menor na partilha dos bens, caso não fosse feito de forma amigável. Afinal, a vontade do conselheiro, expressa em testamento, tinha força legal, e Helena adquiriria direitos que, caso fossem usurpados, poderia originar uma longa, incerta e desgastante batalha judicial. (CHALHOUB, 2003, p.23)

Entendemos que Estácio é mais um daqueles personagens ociosos de Machado, que aproveita de sua condição social para viver das rendas, títulos e dos aluguéis deixados como herança pelo pai. Apesar de ter formação profissional, Formado em matemáticas, não exerce a função, prefere ficar sob a dependência de seus tutores.

Outro personagem no qual Machado encarna o sentido de denúncia no romance é o médico e amigo antigo da família, o ambicioso Dr. Camargo, que conforme a descrição do narrador, “tinha feições duras e frias” [...] (ASSIS, 2004, p.13). O mesmo dependia do favor dos Vale e por isso busca a ascensão social de sua filha Eugênia. A melhor maneira seria o casamento de sua filha com Estácio, principal herdeiro. Na cabeça do Dr. Camargo, a união entre Estácio e Eugênia cumpre uma função natural da sociedade sendo justo que o legado de ambos, Conselheiro Vale e Camargo, se perpetue no casamento de seus filhos. Percebe-se, como a lógica do patriarcalismo se naturaliza nas intenções de Camargo. Durante toda a narrativa, é visível toda a ação planejada pelo médico, e a entrada de Helena no seio dos Vale, seria uma ameaça a ambição pessoal dele. Não contente com a situação decide investir na carreira política de Estácio, que seria um outro meio de ascensão social de sua filha e conseqüentemente a dele. Talvez seja por isso que foi tratado como “réptil” pelo narrador.

Machado procura através do personagem Dr. Camargo, demonstrar o cinismo frio e calculista daqueles que não são da “alta sociedade”, mas que convivem próximos a ela e se desenvolvem na sombra, quase clandestinamente, com a intenção de adquirir algum benefício, como um casamento, um título de nobreza e conseqüentemente uma vida social estável.

Em quase todos os romances, Machado de Assis apresenta a função social dos padres, que como a maioria dos outros personagens, utiliza o artifício da cordialidade e do “sentimento cristão”, como tentativa de manter o status numa sociedade demarcada pelo jogo de interesse político e econômico. No romance temos o Padre Melchior, que o narrador descreve assim: [...] “De compostura quieta e grave, austero sem formalismo, sociável sem mundanidade, tolerante sem fraqueza, era o verdadeiro varão apostólico, homem de sua Igreja e de seu Deus, íntegro na fé, constante na esperança, ardente na caridade”. (ASSIS, 2004, p.24-25). Como percebemos, o narrador apresenta o sacerdote como um sujeito que expressava uma bondade em suas ações, quase perfeito, suas

características representam bem o perfil de sacerdote, que dotado de carisma profissional, procura desenvolver sua função de preservar a ordem moral dentro da família Vale. Porém, ele é um agregado da fazenda Andaraí. Se considerarmos que a relação entre agregado e fazendeiro é de dependência, em que os donos de terras trocavam seus favores por lealdade, transformando esses agregados em sua clientela e aliados dispostos a servi-lo, podemos dizer que o padre Melchior, como agregado, não era diferente, apesar de exercer uma função sacerdotal, guardião dos costumes e disciplinador da ordem social, devia favores à família Vale. Dessa forma, o padre Melchior torna-se conivente com as vontades da sociedade patriarcal. Por trás de suas atitudes está o jogo de interesses que faz parte de uma sociedade que tem suas ações voltadas para o poder econômico e ascensão social e, nada melhor que estar aliado às vontades da elite para se manter no poder.

Diante de tudo que foi exposto, após analisar as atitudes dos personagens do romance, acreditamos que Schwarz não percebeu todo o alcance da crítica e a força de denúncia contidos em *Helena*, quando procurou tratar o romance como “conformista”, transformando-o em um manual de boas maneiras, reduzido a apenas uma análise de perfis morais calcados no sentimento cristão, ou na mera descrição de uma sociedade e seu tempo. Entendemos que Machado de Assis, ao escrever *Helena*, queria denunciar a hipocrisia, as aparências que norteavam o ambiente familiar patriarcal, quando apresenta personagens com atitudes aparentemente convencionais, que conforme o ambiente ou situação dissimulavam, visando sempre algum interesse em suas ações. Consideramos que Machado foi além, ao desmascarar o paternalismo reinante na sociedade brasileira, denunciando uma sociedade que utilizava a diplomacia da aparente cordialidade, somente quando envolvia seus próprios interesses; ou se houvesse alguma contrapartida. Assim foram as atitudes de Helena, D. Úrsula, o Padre Melchior, Dr. Camargo dentre outros.

## BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Ática, 2004.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A escrita dissimulada: Um estudo de Helena, Dom Casmurro e Esaú e Jacó, de Machado de Assis*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

XAVIER, Therezinha Mucci. *Verso e reverso do favor no romance de Machado de Assis*. Viçosa: UFV, 1994.

XAVIER, Therezinha Mucci. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.